SCHOLASTIC METAPHYSICS

John F. McCormick, S.J.
Enrique Collin (Manual de Filosofia Tomista)

CAPITULO SEGUNDO

Essência e existência

1. A essência

Ao observarmos os seres que nos rodeiam, notamos que eles são múltiplos e sempre sujeitos a mudanças. Entretanto, vemos também que há certas noções que são imutáveis. Os objetos que nos cercam, uma mesa, um cinzeiro, etc., podem mudar, mas o que é mesa, o que é homem, são conceitos que não mudam. Essas coisas que não mudam e que distinguem entre si os diversos tipos de seres em várias espécies são as essências. A essência responde à pergunta: o que é? Quando temos contato com qualquer coisa perguntamos primeiro se existe, e depois o que é, no que consiste. A essência é a resposta a esta última pergunta.

A definição mais simples de essência é: aquilo pelo qual um ser é o que é. Existem outras definições, que daremos a seguir.

Essência, em sentido amplo, "é um tipo de ser abstrato que constitui um gênero mais ou menos remoto, ou a espécie dos indivíduos concretos" (Collin) Em sentido estrito, essência é um tipo de ser completo comum aos indivíduos de uma mesma espécie que os caracteriza entre as espécies (Collin).

São Tomás a define da seguinte forma: "essência é aquilo pelo qual uma coisa é constituída em seu próprio gênero ou espécie, e pela qual nós significamos, pela definição, indicando o que a coisa é" (De ente et essência, cap. I)

Essência, substância e natureza são termos correlatos. Substância é a essência existente por si mesma. Quando se fala da substância de um ser fala-se da sua essência, mas referindo-se apenas aos seres que existem por si mesmos, isto é, que não dependem de outros para existir no momento, independentemente de terem sido criados por outros seres. Por exemplo, o branco não existe por si, tem que existir noutro, é um acidente. Mas mesa e cadeira são seres que existem por si mesmos. À essência dos seres que existem por si mesmos se dá, pois, o nome de substância.

Natureza é a essência considerada enquanto fonte de atividade do ser, isto é, a própria essência enquanto capaz de produzir certos tipos de operação. Assim, é próprio da natureza humana pensar, comer, falar, porque essas são operações características da essência, da substância humana.

Chama-se também a essência de quididade, porque quidditas, em latim, é o que constiuti uma coisa.

Para distinguir-se um ser do outro sempre se analisam as operações deles, porque a atividade de um ser é como que uma irradiação da sua própria essência. Se dois seres têm dois tipos de operações diferentes, eles não são da mesma espécie, ou por outra, não têm a mesma essência. Este fato se afirma no princípio

escolástico que diz que a operação segue o ser, isto é, cada tipo de ser tem um tipo de operação. Muitas vezes conhecemos da essência de um ser apenas que ela é capaz de produzir tal operação, ou tal efeito, mas isso não basta para distinguí-la das outras essencias.

Características da essência

As essências consideradas em abstrato possuem as seguintes características:

1) São imutáveis e indivisíveis:

Aristóteles compara a essência aos números. Se somarmos ou subtraírmos qualquer coisa de um número qualquer, ele deixa de ser aquele número. Cinco com mais alguma coisa pode ser cinco vírgula um, mas não é mais cinco. O mesmo se dá com todas as essências. Para que algo seja uma determinada coisa é preciso ter a essência daquele ser na integridade, sem pôr nem tirar nada. Assim, por exemplo, para ser homem é preciso ser animal racional, ter corpo humano e alma humana, se faltar algum desses elementos não se tratará de um ser humano. É nesse sentido que a essência é imutável e indivisível, pois, se for alterada em qualquer coisa, aquele ser deixa de ser o que é.

2) As essências são necessárias, no sentido de que elas se compõe sempre e necessariamente de determinadas notas constitutivas. À essência de homem são necessarios sempre dois elementos: a animalidade e a racionalidade.

3) E, finalmente, as essências são eternas, pois correspondem a um modo de imitabilidade da essência divina, fora dela , modo conhecido eternamente pela inteligência divina. Quer dizer , as essências de tudo quanto existe são reflexos de alguma coisa da natureza divina que Deus, conhecendo a si mesmo, criou depois, utilizando a sua própria essência como modelo analógico. Deus podia ter criado muitas outras coisas, mas tudo que Ele criou é uma imitação de um exemplar perfeito que existe nEle mesmo, e que é conhecido por Sua inteligência desde toda a eternidade. Nesse sentido a essência é eterna, porque, enquanto idéia, ela existe na mente de Deus eternamente.

Como dissemos essas qualidades são da essência em abstrato, são próprias às essências em si mesmas, mas não se aplicam ao ser concreto, à substância de um ser qualquer, de uma mesa, de um homem, por exemplo. Cada coisa em concreto não tem nenhuma dessas características, exceto Deus. Essas qualidades são, pois, da essência em abstrato.

Tipos de essências

1) Essências substanciais: são aquelas que existem por si mesmas. São as essências dos seres atualmente existentes.

2) Essências acidentais: são as que existem em sujeitos de inerência, como por exemplo, a cor, o peso, a idade, etc.

3) Essências espirituais: são as que excluem de toda a maneira e de toda a forma a matéria. É o caso da essência angélica, da alma em si mesma, enfim, dos espíritos.

4) Essências materiais: quando incluem, de alguma forma, a matéria.

5) Essência individual: é a de um ser tomado isoladamen

6) Essência específica: é a referente a uma espécie. É a essência propriamente dita.

7) Essência física: tem-se quando se enumeram os componentes de uma coisa. Quando se diz, por exemplo, que o homem é composto de corpo animal e de alma racional.

8) Essência metafísica: quando se toma a palvra essência de modo absolutamente abstrato. Por exemplo, quando se diz que o hoem é animal racional.

2. A existência

A existência não tem uma definição no sentido extrito da palavra. É um conceito intuitivo, evidente. Podemos compreender a existência pela comparação com seu oposto, isto é, com o nada. Pode-se, contudo, conceituar existência dizendo que tem existência aquilo que está fora de sua causa e fora do nada. Mas esta é uma definição por exclusão; diz-se o que a coisa não é. De fato, é impossível dar uma definição rigorosa de existência.

Para determinar a relação da essência com a existência nós devemos relacionar a existência com o ato e a essência com a potência. Imagine-se um ser como, por exemplo, o centauro. Ele existe apenas na imaginação, onde tem uma existência atual. Agora, suponhamos que alguém fosse capaz de criar o centauro. Partir-se-ia dessa noção de centauro, que é a essência dele, e dar-se-lhe-ia uma atualidade. Nesse momento ele passaria a existir na ordem concreta. A existência, pois, é a atualização de uma essência. Isto é, a existência está para o ato assim como a essência está para a potência.

Potência é a capacidade que um ser possui de vir a ter uma certa qualidade. Uma essência que não tivesse existência no ser concreto, mas que pudesse vir a existir, teria potência de existência. A partir do momento em que ela passa a existir concretamente a potência de existir desaparece. Portanto, existência é a atualização de uma essência.

D o ponto de vista ontológico o ato é a perfeição suprema de um ser. Porém, nos seres criados, nenhum ato é absoluto, mas todos são limitados. Assim, no homem, a racionalidade é limitada; o branco numa parede, limitado, etc. Essa limitação do ato nos seres provém da própria essência das coisas. Nossa capacidade racional é limitada, porque a essência humana exige isso. Então, a potência de um ser, pára determinada qualidade, é o limite para a atualização daquele predicado, isto é, o ato, nas coisas criadas é limitado pela potência do ser.

Um outro exemplo: pode-se por fogo no pavio de uma vela; esse pavio tem potência de pegar fogo produzindo uma certa quantidade de luz e calor. É evidente que esta quantidade é proporcionada ao pavio, isto é, à potência que o pavio tem de pegar fogo. É a sua natureza que limita o efeito. Ora, a natureza é a essência operando. Portanto a essência do pavio é que limita a perfeição do ato nele. A essência divina, sendo infinita, permite todas as perfeições em grau infinito. Então, Deus é ato puro. É nesse sentido que dizemos que o ato é limitado pela potência.

Por outro lado, o ato é multiplicado pela potência. É

pelo fato dos alunos terem capacidade de aprender que o professor pode ensinar, pode transmitir a aula, transformando, assim, aquela potência em ato. Isto é, o ato, que originariamente era uma perfeição exclusiva do professor, é multiplicado naqueles que tinham potência de aprender, os alunos. É por isso que dizemos que a potência multiplica o ato.

O problema da distinção entre essência e existência

No "Manual de Filosofia Tomista" de Enrique Collin há uma explicação muito mais radical que a de McCormick, que parece então bastante liberal. Diz o primeiro que São Tomás fazia questão absoluta de afirmar que a distinção entre essência e existência era real e não apenas mental, considerando isto doutrina certa e fundamental.

Devemos estabelecer a diferença entre distinção real e distinção mental. A distinção é real quando as coisas às quais os conceitos considerados se referem são atualmente separadas, ou, pelo menos, são capazes de tal separação, quando cada ser possa existir sem o outro. Quando a diferença é feita apenas pela mente, mesmo que haja base real para isso, a distinção é dita mental. Cumpre estabelecer também que este problema não se discute em Deus. Todos os teológos estão de acordo em que essência e existência não se distinguem nEle; trata-se, portanto, de estudar essa distinção nas criaturas.

Todos aceitam que há uma distinção de razão entre essência e existência. São Tomás e os escolásticos afirmam que há, além disso, uma distinção real. Duns Scotto e outros teólogos afirmam que a distinção é somente mental. Para compreender isto devemos lembrar-nos de que, segundo São Tomás, essência e existência não são seres completos, mas princípios complementários de ser, isto é, jamais será encontrada, em concreto, uma essência separada de uma existência e vice-versa. Ambas estão unidas nos seres, da mesma forma que o ato e a potência, que, embora sendo seres distintos, não podem ser encontrados em separado, na ordem concreta, mas é a união deles que forma os seres que nós conhecemos. O mesmo se dá com a essência e a existência e, como elas se unem para formar os seres, elas são chamadas princípios complementários do ser.

Esse autor da três provas da distinção real:

1) Um ato não pode ser limitado e multiplicado a não ser por uma potência real, realmente distinta dele. Isto porque o ato, sendo uma perfeição, não pode limitar-se a si mesmo. O ato, de si, não tem limites. Por isso o ato puro é Deus. Portanto, só uma potência que receba o ato conforme sua capacidade, pode limitá-lo ou permitir a multiplicação dele.

Ora, a existência nas criaturas é um ato supremo, limitado e multiplicado pela essência delas. Portanto, nas criaturas, a existência é realmente distinta da potência real, que é a essência.

2) Um ser no qual a essência se identifica com a existência tem que ser necessário, sem causa, eterno e infinito, Ora, as criaturas que existem não são necessárias e por isso não são incausadas, nem eternas, nem infinitas. Logo, não são seres que e

xistem por sua essência.

3) Nos objetos proporcionados a nossa inteligência, e portanto excluindo Deus, que ultrapassa toda inteligência, a conceitos adequados e adequadamente distintos correspodem realidades distintas. Ora, nas criaturas os conceitos de essência e existência são adequados e distintos, já que um não inclui o outro. Logo, essência e existência são realidades distintas. Se fosse ao contrário a nossa inteligência seria capaz de criar conceitos distintos sobre coisas iguais, o que negaria todo o conhecimento. Não se quer dizer com isto que as distinções mentais não sejam legítimas, que, quando se as fas, sabe-se que são dois conceitos relativos a um único ser, como, por, exemplo, a Sabedoria e a Bondade em Deus.

Então, essência e existência são coisas distintas realmente. Uma essência imaginada poderia não ter existência concreta.

A essência de homem, por exemplo, Deus poderia não ter criado. A essência de homem existiria na mente dEle, mas não teria uma existência concreta. A noção de existência também não inclui a essência. Uma coisa não inclui a outra, e essa não é uma distinção feita apenas pela inteligência, mas uma distinção real.

Possibilidade do conhecimento das coisas

Alguns filósofos afirmam que só conhecemos a sensação das coisas, e que, portanto, não temos conhecimento nenhum das essências. Nosso conhecimento se resumiria às aparências sensíveis dos seres. Este é um erro decorrente do Nominalismo e do Empirismo, que afirmam que não se pode chegar ao conhecimento do próprio ser.

De fato, quando conhecemos as coisas, o fazemos através dos sentidos, que nos dão um conhecimento da completa, do ser com seus acidentes. A inteligência, no entanto, é capaz de abstrair na coisa conhecida "in totum", as qualidades e substratos. É capaz de distinguir a essência, dos acidentes. Quando os filósofos dizem que nós conhecemos simplesmente os acidentes, a aparência sensível, e não o substrato, estão fazendo uma distinção entre aparência e substratos que não é dada pelos sentidos, e portanto isto prova que a inteligência é capaz de separar aqueles acidentes sensíveis de algo que está por detrás daquilo.

A razão é que distingue então as essências das qualidades acidentais. A Escolástica não afirma, porém, que nós conheçamos as essências de todas as coisas, e nem que conheçamos a essência de qualquer coisa de modo total e absoluto. Nós temos apenas um certo conhecimento das essências. Às vezes é um conhecimento meramente pela operação, mas é uma forma de netendimento das essências. Pelo menos se sabe que tal substância tem tal efeito e que as substâncias que não têm esse efeito são distintas da primeira. Pelo modo de agir compreende-se o ser.

Então, o conhecimento humano das essências é limitado, mas temos sempre um certo conhecimento delas, embora não de um modo completo e exaustivo.

∴

NOTA EXPLICATIVA: Esta apostila é um resumo da obra citada, embora não siga rigorosamente a divisão de capítulos ali empregada. Para seu correto entendimento é indispensável a leitura prévia da primeira parte, onde se explicam muitas das noções aqui empregadas.